**RECANTO**

Felipe Góes faz parte de um grupo de jovens artistas brasileiros que se propuseram a repensar a paisagem, resgatando uma tradição consolidada como gênero da pintura no século 16. No entanto, longe de ser uma catalogação de espaços reais, como foi pensada no passado, o que está em jogo na mostra *Recanto* são sugestões de paisagens, representações imaginárias a partir de memórias visuais do artista.

No processo criativo de Felipe, o acaso é uma de suas principais estratégias. Em um exercício quase subjetivo, o artista deixa suas mãos formarem sobreposições de camadas, criando e modificando. Por meio desses gestos, praias podem virar aterros. Ou edificações são engolidas por cadeias de montanhas. Das mudanças, em alguns casos, restam pequenos pontos de luz, restos de figuras que antes existiam ali. Eles servem como um recurso para desviar a visão do espectador que, aliado à perspectiva adotada, nos faz percorrer diferentes caminhos pela tela.

Entre as criações selecionadas para a exposição, é possível ver sua produção desde 2012, evidenciando seu domínio em diferentes cores e luzes. Carregadas de uma mistura de tintas guache e acrílica, as pinceladas de Felipe constroem morros, estradas e campos alagados. Em muitas delas, o que se vê é um momento de crepúsculo, que por vezes parecem referenciar o olhar dos românticos alemães no fim do século 18. Em outras, o artista retrata figuras sob uma luz mais solar, quando a vegetação parece se ressaltar e tomar protagonismo.

Como nas formas dissolvidas de Guignard, uma das influências do artista, os elementos da natureza surgem e se confundem, recuperando paisagens que um dia Felipe presenciou. As formações rochosas podem ser resquícios de sua residência artística no Arizona, nos EUA. Da vizinhança de seu ateliê na Barra Funda, em São Paulo, telhados que sugerem um ambiente industrial. Ou mesmo a vegetação robusta, reminiscência de sua passagem por Itaparica na Bahia.

Porém, não espere encontrar figuras humanas aqui. Em suas obras, o humano está no visitante, um convidado a contemplar lugares remotos. Felipe tampouco possui pretensões de mostrar o real. Sem títulos, suas telas apontam para um lugar íntimo, próprio de cada espectador. Como em recantos, esconderijos particulares, esses horizontes podem lembrar, por exemplo, a nostalgia de um fim de tarde no interior. Ou paisagens que remetem a alguma praia visitada no litoral brasileiro. Em si, o que há é um convite para interpretações próprias do olhar.

Texto de Celso Filho

Junho de 2017

Exposição individual no Museu Universitário de Arte da Universidade Federal de Uberlândia, MG.